

An abstract painting featuring a central figure with a large, dark, circular eye-like shape at the top. The figure is rendered in shades of yellow, orange, and pink, with thick black outlines. The background is a mix of warm tones, including yellow, orange, and pink, with some darker areas. The overall style is expressive and somewhat surreal.

Deméter e Perséfone: várias faces da mulher

Sônia Siqueira

Professora Titular das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila.

Deméter, a mãe da terra ou a Terra-Mãe, era uma deusa ancestral, cultuada desde o Neolítico como protetora da terra, neste caso seu culto representaria a sobrevivência da religião e dos valores matriarcais na cultura patriarcal, guerreira, dos gregos clássicos. Apesar de certa resistência a estes deuses ancestrais, ctônicos, os gregos acabaram por aceitar a presença de Deméter, Perséfone e Dioniso em seu panteão.

Deméter, segundo Brandão: “filha de Crono e de Réia, a deusa maternal da Terra, pertence à segunda geração divina dos deuses olímpicos. (...) Deusa essencialmente do trigo, seu culto era levado muito a sério por todos os helenos. (...)”

De seus amores com Zeus – o deus dos deuses – nasceu Kórê, a Jovem, também chamada Perséfone. Core crescia tranquila e feliz entre as ninfas em companhia de Ártemis e Atená, quando, um belo dia, enquanto colhia flores foi atraída por um narciso a borda de um abismo. Ao aproximar-se da flor a Terra se abriu e Hades a raptou para o mundo ctônico. Desesperada com a ausência da filha, de quem só ouviu o grito, Deméter vagou pelo mundo durante nove dias. Após este período, foi informada por Hélio, que tudo vê, sobre a verdade, ou seja, Core fora raptada por Hades com a conivência de Zeus.

Consumida pela dor, Deméter permitiu que uma seca terrível se abatesse sobre a terra. Em vão Zeus lhe enviou mensageiros, pedindo que regressasse ao Olimpo. Como a ordem do mundo periclitasse, Zeus pediu a Hades que devolvesse Perséfone. O rei dos Infernos cedeu ao pedido do irmão, mas fez com que esposa engolisse sementes de romã, o que a impediu de deixar a outra vida, o inferno. O que obrigou a um acordo: Perséfone passaria quatro meses com o esposo e oito com a mãe. Com a satisfação de recuperar a filha perdida, Deméter fez com que os cereais brotassem novamente e com que toda a Terra se enchesse de frutos e flores.

O mitologema das “duas deusas” nos fala de amor incondicional e inabalável entre mãe e filhos; fala, também, de amor, desejo que une os amantes – Perséfone ainda que saudosa de Deméter não se nega a Hades; fala de educação, uma vez que a Deusa ensinou aos homens não só a cultivar o trigo, mas também a fazer-usar os objetos ligados a esta cultura como enxada, anzinho, pá etc.; assim como de uma “educação para a morte” visto que os Mistérios de Elêusis, ritos de iniciação ensinados pelas deusas aos homens após seu reencontro preparam o homem para a “arte de bem morrer”.

O próprio Hino a Deméter promete a felicidade para os Iniciados e indiretamente o castigo para aqueles que ignoram os Mistérios:

Feliz aquele que possui, entre os homens da terra, a visão destes Mistérios. Ao contrário, aquele que não foi iniciado e aquele que não participou dos santos ritos não terá, após a morte, nas trevas úmidas, a mesma felicidade do iniciado.

A exposição que ora visitamos exprime plasticamente as várias faces deste mito, os atributos e facetas das Deusas, da própria mulher, que são tão atuais como foram na época de Hesíodo, Homero ou Heródoto porque a Mitologia fala do universo, do homem, de fenômenos, sentimentos, atitudes que são eternos.

Polyana Zappa sintetiza sua visão de Deméter & Perséfone com a obra Inocência da deusa, imagens múltiplas de Narciso, flor que, devido a sua beleza arrebatadora, arastou Core dos braços da mãe para os de Hades. A beleza enquanto vertigem, probabilidade constante de sedução. No objeto Inocência da deusa de Glorilza Oliveira, com suas múltiplas possibilidades de leitura, nos deparamos com camadas de tecidos negros sobrepostas que nos levam a indagar: manifestariam o grito silenciado de Perséfone ao descer ao Inferno? Quem sabe a dor de Deméter pela ausência da filha?

Malou Ballerini apresenta o acrílico sobre tela Fetal alusão à passagem de Perséfone pelo Hades. Ela é o grão que morre e renasce anualmente para alimentar os homens. O díptico de Dayse Rocha - União e vida-, acrílico sobre tela, nos fala, ainda uma vez, desta simbiose entre mãe e filha, semente e grão, que possibilita a própria geração, vida na terra. Sedução de Gladys Fillipo, assemblage, toca na capacidade feminina de seduzir. Perséfone seduziu Hades. Sedução arrebatadora que o levou ao rapto, ao estabelecimento do caos na terra e a impossibilidade da separação.

Bia expõe dois grupos de estatuetas em bronze. O primeiro, Úrano e Géia, deuses primordiais, personificam respectivamente o céu, enquanto elemento fecundador, e Géia, a Terra. O segundo, Réia (Rhéa), “a ampla, a larga”, era uma Grande Mãe cretense que se transformou na titanesa Réia, símbolo da fertilidade, filha de Úrano e Géia, a sempre grávida esposa de Crono. Cida Machado traz o Livro do Artista, assemblage em que sintetiza sua poesia do papel da mulher enquanto geradora, alimentadora, educadora. Nilze Foltran retrata em monotípias denominadas Perséfone no Hades, as aventuras e desventuras da Deusa cindida entre Ser Senhora do Hades e Filha de Deméter.

As quatro estações de Perséfone, fotos de Francine Cunha, retratam exatamente as “várias vidas” da Deusa, seu ciclo agrário-natural de nascimento, florescimento e morte.

O óleo sobre tela de João Paulo Peixoto, Mistérios de Elêusis, nos fala da arte de bem viver, dos mistérios, só revelado pelas Deusas aos iniciados, como fala o Hino a Deméter:

Feliz aquele que, antes de baixar à terra, contemplou este espetáculo. / Ele conhece qual é o fim da vida e também o começo outorgado por Zeus

Tri-unidade, aquarelas de Leice Novaes, nos faz pensar na jovem e encantadora Core que vivia feliz entre as deusas até ser motivo de um acordo entre Zeus e Hades, nos fala da tranquilidade, serenidade da juventude.

Finalmente Perséfone, técnica mista de Da Luz, é a representação das várias faces da vida feminina, a vida de qualquer uma e de todas: semente e grão na terra.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1991. V.1. p.271.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1991. V.1. p.275.